

4a. PARTE — DISCURSOS

ASCENSÃO À ACADEMIA

Joaryvar Macedo

Peço-vos permissão, no momento que considero dos mais importantes de minha vida terrena, este no qual me emposso na Academia Cearense de Letras, para, inicialmente, falar a respeito de mim. Não vos preocupeis, entretanto, que de mim mesmo não falarei excessivamente

Nasci e me criei no sul do Ceará, onde quase sempre vivi. Meus troncos familiares ali fincaram raízes ao longo do Século XVIII. Os do lado paterno radicaram-se às margens ubertosas de cursos d'água da região, principalmente do histórico Itaytera ou Carité, na área hoje correspondente ao Crato e a Juazeiro do Norte, bem como no vale do lendário Salamanca, cujas águas, desvoltas e irrequietas, banham extensos brejos de Barbalha e Missão Velha. Os do lado materno fixaram-se às margens do Salgado, na setecentista Venda, e, também, nos desfiladeiros e contrafortes da serra, onde se centra, romântica e bela, a esplanada do Quincuncá. Sou, destarte, um cariariense de quase trezentos anos.

Foi lá, portanto, no sul deste Ceará tão amado, onde os meus antepassados deitaram raízes profundas, que vim ao mundo, precisamente no município de Lavras da Mangabeira, no qual se abre, famoso e soberbo, o decantado Boqueirão de tantas lendas e mistérios, onde se irmanam e por onde defluem, preguiçosamente, todas as águas que, na estação das chuvas, serpendo, percorrem todo o Vale do Cariri.

Assim nasci, sertanejo cearense, e sertanejo cearense, me criei. E o sertão, somente aos quarenta e cinco anos da existência, tive coragem de deixá-lo.

Não desfrutei, pois, da ventura de crescer ouvindo a pancada do mar ou o bulício de suas águas. Nem cresci vendo o balouço das vagas impetuosas, nem me deleitando na contemplação da beleza das espumas brancas ao luar. Não cresci mirando as jangadas que riscam as ondas eternamente, nem observando os barcos açoitados pelos ventos ou sacudidos pelas procelas, como diria o grumete da cena de Chateaubriand. Em suma, não cresci em meio à civilização ou aos confortos e prazeres da cidade grande.

Cresci e vivi, no entanto, lá no fundo do sertão. Sertão cearense de encantos e segredos, jamais esquecidos da alma sertaneja cheia de sentimentos, amores e vibrações.

Cresci ouvindo o gorjeio dos pássaros buliçosos nas copas do arvoredado agitado pelo vento. Cresci ouvindo, ao alegre romper do dia, o trinar festivo do canário e do galo-de-campina; e nos entardeceres melancólicos, o arrulhar tristonho da asa-branca e da juriti ou o trilar dolente da codorniz e do inambu; e, após o anoitecer, quando não mais restava nenhum retalho da clâmide dourada do sol, o piar solitário da coruja e o chirria: agourento do rasga-mortalha, assombrações noturnas de minha quadra de menino tímido.

Cresci ouvindo o coaxar descompassado dos batráquios, o tenro ba'ir das ovelhas, o relinchar estentóricico dos quataus, o tiintar de chocalhos, o aboio vigoroso do vaqueiro, a toada triste do tangedor de bois e o flabelar de esbeltas palmeiras. Cresci aspirando o odor incomparável das flores silvestres, o bafio quente das rezes no curral e o cheiro característico dos engenhos do meu rincão. Cresci contemplando lampejos de chaminés, canaviais em pendão, águas rumorejantes e serras "de mantos azuis revestidas", vendo animais selvagens, inclusive os répteis, que rastejam pelos caminhos de minha terra. Cresci em contacto permanente com o camponês que, no eito, trabalha de sol a sol, mas, feliz como ninguém, descansa, deitado ao chão duro da latada de sua choupana, ou se diverte, nas noites enluaradas, com o matraquear ritmado dos cacetes da dança máscula do maneiro-pau nos terreiros.

Ufano-me de haver nascido no sul do Estado. Prezo-me, sobremaneira, de minha origem e convivência, autenticamente

interioranas e verdadeiramente sertanejas. Orgulho-me da experiência trazida do Cariri, que Zé de Matos, “o mais extraordinário poeta improvisador, matuto e analfabeto, que os sertões cearenses já produziram”, descreveu, genialmente, nestes versos, os quais não me pejo de repetir em momento tão circunspeto:

É terra de agricultura,
Tudo que se planta cria,
Jirmum, melão, melancia,
Muita laranja madura,
E em cima dessa fartura
Mora na serra o piqui,
Tem mangaba e cajú,
Corre água na levada,
Grande nascença no Calda,
Boa terra é o Cariri.

É terra que coadjuva
Quem ao trabalho se entrega,
Planta-se em água de rega,
Nasce legume sem chuva.
Muitos tem botado luva
Por saber se dirigi,
Por isso vem para aqui
Cego, alejado e doente,
Bebe-se muita aguardente,
Boa terra é o Cariri.

É terra de promessa,
Terra de muita virtude,
Mesmo sem fresco de açude
Planta-se a cana em lerão,
Tem muito homem de ação
Que sabe bem reagir,
Dentro até o Piauí
A razão não sei porque
Só vejo o povo dizê:
Boa terra é o Cariri.

Senhores Acadêmicos: Foi aquele recesso bucólico deste Ceará ardente, que sobremaneira amo, até bem pouco o cenário imorredouro de minha vida, à qual não têm faltado altos e baixos, contingências e dramas, por vezes agitados. Foi aquele recanto aprazível o tablado onde decorreu, até bem pouco, a minha apagada, porém laboriosa existência, dedicada às lides do magistério, em suas duas cidades principais — Juazeiro do Norte e Crato.

O bem-querer àquela típica região cearense me fez um investigador impeniente de suas origens, de seu descobrimento e conquista, de seu povoamento, de sua formação social e econômica, de sua raça, de seus velhos e célebres troncos coloniais, de seus vultos relevantes e de seus valores preeminentes. Tornei-me pesquisador do sul do Ceará, do Cariri, procurando, destarte, através de modesto, mas contínuo trabalho, contribuir para a redescoberta de sua fascinante história. E, se nesse afã nada mais conseguir ser, um título granjeei e dele não abro mão: pesquisador.

Foi como pesquisador, interessado no desenvolvimento cultural da zona, que integrei, ativamente, e até fundei instituições, colaborei na criação e manutenção de periódicos, publiquei numerosos trabalhos esparsos, dei a lume alguns livrinhos e livretes, os quais, somados à vossa bondade ilimitada, me guindaram à honra suprema de uma cadeira na Academia Cearense de Letras, a mais antiga de suas similares em terras brasileiras.

A propósito, quiçá não seja demasiado evocar que em agosto de 1894, há oitenta e nove anos, portanto, graças ao espírito vanguardeiro de nossa raça, fundava-se a Academia Cearense. E em que pese à defasagem, aqui e acolá emergente, ao longo de sua fulgente história, a verdade cristalina é que ela, desde o seu prelúdio, se constituiu em um dos mais fortes elementos de nossa vida literária e científica.

Os intemoratos pioneiros escolheram para a fundação da Academia a data de 15 de agosto, dedicada a Nossa Senhora da Assunção, sob cuja égide mística, evoluíra o núcleo humano formado na desembocadura do velho e histórico Pajeú.

Para maior regozijo meu, verifica-se minha investidura nesta Sociedade, precisamente neste agosto de 1983, quando ela, garbosamente, se reúne, embora, por conveniência, noutra data, em ordem a solenizar seus oitenta e nove anos de lutas e de triunfos.

Como é do conhecimento dos conspícuos membros desta Casa, há certo tempo, ainda habitante do Cariri, e sem quaisquer perspectivas de mudança para a Capital, incentivado por alguns, de modo muito particular pelo Presidente Cláudio Martins, e apoiado por outros, firmei o propósito ousado de pleitear uma vaga nesta Corporação. Asseguro-vos, todavia: antes de se esboçar qualquer movimento neste sentido, nunca, jamais, em tempo algum, uma vez sequer, entrara em minhas cogitações o pertencer a esta Ilustre Companhia, integrada das mais fulgurantes e privilegiadas inteligências de nossa terra, no campo das Letras e das Ciências. Mas, ao pressentir a acolhida calorosa de vossa parte a minha humilde pessoa, ao pressentir que aquiescíeis em me terdes ao vosso lado, ao pressentir que, facilmente, se me abriam as venerandas portas da Academia, comecei de prelibar das alegrias desta noite festiva e de antegozar das delícias do vosso convívio que me será, tenho certeza, soberanamente salutar e revigorador.

Senhores Acadêmicos: Afirmou Austregésilo de Athayde, no discurso de recepção a José Lins do Rego na Academia Brasileira de Letras: "A Academia não é uma escola de aperfeiçoamento de escritores. É antes um regaço tranqüilo para aqueles que, nas labutas da pena, deram os melhores frutos. Aqui é um lugar de onde contemplamos a obra realizada, recebendo na imortalidade, os precários galardões da fama e da glória".

Meditando estas palavras e pensando em quanto afirmam outros, isto é, que o ingresso nas Academias é o prêmio conferido a valores consagrados, e refletindo, ainda, no preceito do Estatuto desta Casa, quando diz somente poder ser Acadêmico Titular escritor ou cientista de relevo, olho para mim mesmo. Olho para o escriba que sou, tentando descobrir as razões que vos conduziram a sufragar o meu nome para o preenchimento de uma vaga na respeitabilíssima Casa de Tomás Pompeu. E tentando, ainda, desvendar o segredo da surpreendente

unanimidade absoluta de vossos suírágios, fato que o Presidente Cláudio Martins declarou ter sido “uma excepcionalidade única na história deste tradicional Sodalício”.

Nessas lucubrações inquietantes, como que dou com o mistério do vosso gesto, lhano, largo e cativante. Decerto, levastes em conta que a minha pequena produção se reveste do mérito de haver sido realizada no isolamento de um centro interiorano, inculto e agreste, onde as ambições gerais se voltam, quase exclusivamente, para as atividades político-partidárias e as comerciais, ou seja, para os negócios materialmente rendosos, com desprezo quase total das atividades do espírito. Nesse caso, a honraria insigne a mim tributada, com tamanha generosidade, não tendo o sentido da premiação, valerá como o mais forte de todos os estímulos a quem, por entre percalços e obstáculos, quase intransponíveis, se dedicou, de corpo e alma, à cultura, em ambiente indiferente.

Neste Sodalício de tão gloriosas tradições, sentar-me-ei, sobremodo honrado, na Cadeira n.º 4, cumprindo-me, neste instante, trazer para o templo da memória as figuras imortais do patrono, Antônio Bezerra, e do mais recente ocupante, Milton Dias.

Arrimado no Barão de Studart, posso, seguramente, informar que Antônio Bezerra de Menezes viu a luz do dia aos 21 de fevereiro de 1841, em Quixeramobim. Era filho do Dr. Manuel Soares da Silva Bezerra e D. Maria Teresa de Albuquerque Bezerra.

Autodidata, porquanto não granjeou qualquer título acadêmico, e mero funcionário público, Antônio Bezerra levou existência desprendida e desinteressada, finando-se aos 28 de agosto de 1921. Morreu, porém, aureolado de glória, vez que, pelo trabalho incessante e abnegado, conseguira projetar-se na vida do Estado, notadamente nas áreas da cultura e do civismo. Neste tocante, abraçou, fervorosamente, a causa abolicionista, fundando, com Teles Marrocos e Antônio Martins, **O Libertador**. Igualmente, com outros companheiros, fundou **O Ceará**. Nestas, como em quase todas as demais folhas cearenses do seu tempo, revelou-se o jornalista combativo e o cronista de inspiração rara.

Estudioso das Ciências Naturais, poeta e historiógrafo, publicou Antônio Bezerra, além de artigos sem conta e de estudos insertos nas revistas da então Academia Cearense e Instituto do Ceará, os seguintes títulos: **Sonhos de Moço**; **Três Liras** (em parceria); **Maranguape — Notas de Viagem**; **Horas de Recreio**; **Notas de Viagem ao Norte do Ceará**; **Algumas Origens do Ceará**; **O Ceará e os Cearenses**.

Integrou os quadros da Padaria Espiritual, do Centro Literário, do Instituto do Ceará e desta Academia, da qual passou a figurar como um dos patronos, ao ensejo da reforma de 1922.

É bem verdade que, poeta e prosador, portador de cultura polimorfa, escreveu Antônio Bezerra sobre os mais diversos assuntos, entretanto, o melhor de sua vasta produção está nos seus estudos acerca da história cearense, que a ele deve excelente contribuição. Seus trabalhos, neste particular, tornaram-se imprescindíveis a quantos se dedicam ao estudo e análise das origens e evolução social do nosso Estado.

Conhecedor seguro da Província — da terra e da gente — aprofundou-se, mais ainda, na investigação criteriosa da gênese e formação de suas regiões mais características, de seus núcleos humanos mais expressivos, emitindo conceitos sobre a nossa descoberta, conquista e povoamento. Livros notáveis, como **O Ceará e os Cearenses** e **Notas de Viagem ao Norte do Ceará**, consagram-no o examinador criterioso de fenômenos e o cronista exímio, não propriamente na perfeição do estilo, mas na generalidade dos conhecimentos, na percuciência e agudeza da observação e na segurança do registro, da narração, da análise e da interpretação.

Contudo, no meu entender, a obra que mais o coloca na esteira dos grandes luzeiros de nossas letras históricas e o torna um dos clássicos de nossa historiografia provinciana é **Algumas Origens do Ceará**. De sua leitura depreende-se que Antônio Bezerra conduziu sua atividade intelectual de historiador para o sentido científico, para o fazer histórico interpretativo. Narrando os fatos e aclarando-os, fê-lo dentro da linha da melhor exegese, calcada na análise das causas e efeitos. Em resumo, fez História, no sentido exato do termo. E, se uma que outra vez se equivocou, se uma que outra vez chegou a

conclusões menos verdadeiras, o que a isso excede é a soma vultosa de informes que através de pesquisas, em andanças por todo o interior cearense, coligiu, estudou e interpretou, e os deixou como subsídios da mais alta significação para a História Geral do Ceará. Deste Ceará que ele amou com todas as veras de sua alma, dando disso provas sobejas e logrando formar uma coorte de admiradores. E um destes foi Antônio Bezerra não era **um** cearense, era **o** cearense, o paradigma ético de nossa raça, o próprio Ceará o personifica”.

A Cadeira, de que Antônio Bezerra é patrono, nesta Academia, foi ocupada e honrada, sucessivamente, por Otávio Lôbo, conceituado clínico, professor, e escritor de estilo elegante; Antônio Furtado, poeta, polemista e jurista; Raimundo Girão, o **pontifex maximus** da atual historiografia cearense, Milton Dias de quem, logo mais, tratarei.

É curioso observar que o terceiro ocupante, Raimundo Girão, com a morte do Acadêmico Filgueiras Lima, em 1965, deslocou-se da Cadeira nº. 4 para a de nº. 21. Assim, Milton Dias, conquanto se empossando na Cadeira nº 4, preenchida a vaga, surgida na Academia, com o trespasse de Filgueiras Lima que, sob este aspecto, não deixa de ser, também, um dos meus antecessores, porquanto o foi, e imediato, de Milton Dias. E faço questão de frisar ser o autor de **Terra da Luz** meu conterrâneo de Lavras da Mangabeira, que já deu este Cenáculo: Joel Linhares, Josafá Linhares, Filgueiras Lima, João Clímaco Bezerra, Linhares Filho e, agora, este que deve cuidar de Milton Dias.

Milton Dias, vi-o pela primeira vez, aí por volta de 1972, em encontro fortuito, na Reitoria da Universidade Federal do Ceará. Face a ligeira apresentação, cumprimentamo-nos apenas. Posteriormente, em minhas temporadas nesta Capital, se foram amihudando as oportunidades de contactar com ele, quando pude aquilatar a grandeza de seu espírito, o brilho de sua inteligência, o calor de sua amizade e o estilo de sua boêmia. E passei a ser um dos incondicionais admiradores de Milton Dias.

Nascido no chão cearense de Ipu e criado em Massapé, José Milton de Vasconcelos Dias, filho de Pedro Dias Xime-

nes e D. Maria Iracema de Vasconcelos Dias, veio ao mundo aos 29 de abril de 1919. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais e em Letras Neolatinas, optou pelo magistério, exercendo-o no Ceará e em São Paulo. Deteve-se mais no ensino universitário, para o qual se especializou, diplomando-se, em Paris, em Literatura Francesa e em Estudos Superiores Modernos. Técnico de Educação da Universidade Federal do Ceará, professor titular no seu Centro de Humanidades e chefe de gabinete ou assessor especial da Reitoria, com sua atuação vigorosa e decidida, ainda a uma sólida formação humanística, honrou essa instituição universitária que lhe guarda, indelevelmente, o nome e a memória, como um dos seus mais eficientes colaboradores. Não apenas nesta venerável Academia, brilhou e rebrilhou, senão também no dinâmico e renovador Grupo Clã, havendo sido, outrossim, condecorado pelo Governo da França com a Ordem das Palmas Acadêmicas. Foi uma presença constante e procurada nas páginas dos jornais e periódicos de Fortaleza, principalmente no "O Povo", através de magníficas criações literárias, avidamente lidas e degustadas, as quais, compiladas, constituíram volumes que lustram, dignificam e engrandecem as letras cearenses e brasileiras. E, para citar-lhe apenas as publicações principais, aí estão, qual testemunho candente e vivo de uma existência dedicada à Literatura: **Sete-Estrela; A Ilha do Homem Só; As Cunhãs; Entre a Boca da Noite e a Madrugada; Cartas sem Resposta; Viagem no Arco-íris** (em colaboração com Cláudio Martins); **As outras Cunhãs; A Capitoa.**

São livros, (quase todos), que consagram a Milton Dias como o mestre consumado da crônica, como o inconfundível cronista do cotidiano, porque para ele próprio, "o cronista tem de ser, antes de tudo, um participante de sua cidade, conhecê-la e amá-la, subir e descer, ouvir a gente do povo, conversar com o motorista, o barbeiro, o engraxate, o doutor, o escritor, os profissionais de áreas diversas. O cronista vê, ouve, analisa, interpreta, depois passa para o papel o que surpreendeu por aí afora. O cotidiano é, sempre, uma fonte permanente: o sol que se filtra pela vidraça e invade a nossa sala; uma borboleta que pousa no galho da árvore que está a nossa volta; uma nuvem vagabunda; crianças que passam; velhos

que nos sugerem uma vida experiente e sofrida; um homem deitado no chão, à sombra, curtindo a sua sesta ou a sua resaca, indiferente aos problemas que se agitam no mundo. Um pedaço de noite, uma mulher, uma frase de melodia ouvida ao acaso, um episódio surpreendido com toda a carga do drama em que os personagens ignoram estar sendo flagrados, tudo isto que está dentro da vida, do dia-a-dia pode fornecer material farto para quem está condicionado em busca do tema”.

Embora não se houvesse na conta de cronista, nem de contista que também o foi, mas de um simples “contador de histórias e vivências, aprendidas por aí afora, na cidade pequena, cidade grande, aldeia, ponte, rio, viaduto, pedaços de cais, o coração do mundo multiplicado”, outro é o conceito que dele sempre se fez. Outro é o conceito que desse escritor admirável fazem personalidades das mais expressivas na área das letras, em terras cearenses e brasileiras, reconhecendo o quanto Milton Dias pontificou no terreno da crônica, de que foi, inquestionavelmente, uma das mais robustas expressões.

Para corroboração, cito, ao acaso, algumas dentre as muitas abalizadas opiniões acerca da obra cultural, intelectual e literária do meu antecessor na Academia Cearense de Letras.

João Clímaco Bezerra assim se expressou: “Homem de rara formação humanística, itinerante, impenitente pelos longos caminhos do mundo, a universalização da cultura de Milton Dias, através de cidades e de livros, parece robustecer o sentido telúrico de sua narração”.

Valdemar Cavalcante expendeu este parecer: “Aquilo que faz a crônica um gênero à parte na literatura brasileira — a delicada tessitura da expressão, o tom simples e natural de dizer as coisas, de narrar os fatos, de falar das pessoas, o acento poético, a maneira peculiar de pôr em relevo o circunstancial, o senso de humor mesmo para tocar em assunto que tenha o seu toque dramático, a medida justa para o que é confissão e depoimento pessoal, o peso das palavras — tudo isso percebi na prosa meio vadia do rapaz de Fortaleza”.

De Mauro Mota são estas palavras: “Ao seu gênero, o gênero mais plástico de literatura, que pode ser tudo ou nada no

condicionamento aos toques de fatura, a crônica, Milton Dias confere pela pureza da linguagem, limpa de qualquer fraseio decorativo, dimensão literária e humana conexiva aos valores da crônica. As variantes temáticas juntam-se no tratamento vivo, procedente de uma ótica apuradíssima diante das coisas e das criaturas, que Milton Dias faz inesquecíveis, situando-as entre poesias e epigramas com a sua dicção de cronista de poder sensorial sobre os elementos compositivos da crônica”.

Por seu turno, Jorge Amado assegurou a respeito das crônicas de Milton Dias que “elas estão cheias de ternura, de calor humano, de graça, de leveza, com um riso contido, um sorriso e também uma solidariedade com os viventes da terra”.

Ouçamos, também, uma opinião de Sânzio de Azevedo: “O exercício da crônica nos jornais, onde são absolutamente necessários o tom coloquial, bem como a graça e elegância da frase fizeram de Milton Dias um dos mais originais escritores cearenses da atualidade, seja no campo mesmo da crônica, em que é mestre, seja na ficção, compondo o que ele chama de estória...”

Registro, ainda, que Braga Montenegro, comentando as crônicas de Milton Dias, garantiu que elas são “em geral tão belas, tão sugestivas, tão encantadoramente lísvéis, tão literariamente crônica, como as melhores que nesta terra se escreveram, desde Machado e João do Rio até Raquel de Queirós, Rubem Braga ou Sérgio Porto”.

Poderia alongar-me em citações. Deixo, no entanto, registrada apenas essa pequenina mostra, pela qual se infere que Milton Dias, na condição de homem de letras, conseguiu firmar seu nome como um dos mais fulgurantes da Literatura Cearense. E fê-lo através, sobretudo da crônica, o gênero literário por ele mesmo considerado fundamental para o registro do cotidiano, embora sobre isso paire o valor artístico com que revestiu a sua prosa. Pela crônica, como ele próprio a concebeu, Milton Dias “contou histórias, abordou problemas circunstanciais, casos do dia, os assuntos mais simples e os mais transcendentés”.

Mestre da crônica, ele mesmo assegurou: “Pela mão do cronista corre a cidade com suas belezas e mistérios, sua gente, seus problemas, seus casos”.

Efetivamente, pelas mãos do cronista, exímio e lapidar, que soube colocar em páginas de redourado estilo até mesmo as cintilações das estrelas e as pulsações dos astros dos céus cearenses, correu a cidade. Correu a grande e encantadora Fortaleza que o acolheu e o guardará, para todo o sempre. Cidade onde viveu, trabalhou, lutou, sofreu, gozou, construiu uma legião de amigos e admiradores. Cidade onde amou e foi amado e se fez boêmio, e que amou e celebrou em páginas de ardente lirismo. Do lirismo de quem ama com amor “infinito, incansável, leal e permanente”. Lirismo de um cronista-poeta, “poeta imanente”, conforme, com muita propriedade, o qualificou Moreira Campos, e “dono de profunda ternura humana no trato de todas as figuras a que a sua arte dá vida”.

Pelas mãos de Milton Dias, correu a cidade, “cidade amada, idolatrada, a primeira, a mais cara, a mais terna, a mais grata da sua movimentada geografia afetiva”. Porque Milton Dias vivia, intensamente, aquilo que, um dia, em momento de rara e sublime inspiração, escrevera: “Aquele que habita e ama esta cidade será seu filho fiel, nativo ou de adoção, terá o sol por prêmio e o verde mar por testemunha. Aquele que habita e ama esta cidade terá a Senhora da Assunção por protetora, ganhará um rebanho de estrelas festivas que os boêmios guardarão. E a lua será a madrinha metódica, comparecendo regularmente para o ritual da bênção”.

Antes de deixar a tribuna acadêmica, onde, há quase noventa anos, se vêm postando as mais respeitáveis cerebrações cearenses, desejo dirigir-vos uma mensagem de profundo reconhecimento. E gostaria de poder transformar a fragilidade da força expressional da palavra, a fim de, fielmente, retratar toda a imensa multiplicidade de meus sentimentos.

Senhor Presidente, Senhores Acadêmicos: Lá no Cariri, onde vivi e donde vim, precisamente em Juazeiro do Norte, no cimo do Serrote do Catolé, vulgarmente chamado Serra do Horto, ergue-se, proeminente e altaneiro, o terceiro monumento do mundo em dimensão — a estátua gigantesca do “Patriar-

ca do Nordeste". Quotidianamente, a quase todo instante, uma cena curiosa ali se repete. É o romeiro nordestino, na sua fé cabocla e ingênuo, subindo, de joelhos, a escadaria daquele colosso sertanejo, ora cabisbaixo e mãos no peito, na atitude contrita do **mea culpa**, ora fronte erguida e mãos levantadas, na atitude sublime de quem agradece.

Também eu, nesta noite fagueira e inesquecível, intimamente e em relances do espírito, assomei, genuflexo, à escadaria deste magnífico templo das Letras e das Ciências, batendo no peito, no gesto de quem suplica o perdão por não haver resistido ao anseio de transpor os seus umbrais, e alçando as mãos, no gesto de quem agradece tamanha deferência a quem tão pouco fez por merecê-la.

Eu estou feliz. Supremamente feliz. Mas, acima disso, asseguro-vos, sinto-me responsável, e não um deslumbrado. À prova de confiança depositada em minha modesta pessoa procurarei corresponder, na medida de minhas forças, engajando-me, decisivamente, nas grandiosas tarefas que a Academia tem a desempenhar.

Ocioso seria expressar minha profunda gratidão à generosidade das palavras de Mozart Soriano Aderaldo, que me abriu as portas desta augusta Casa, com as chaves do coração, que se desabrochou num depoimento repassado de amizade e de ternura.

A vós todos que aqui viestes sou imensamente grato, pelo fulgor que a vossa presença proporcionou à solenidade desta noite, para mim a mais imponente, a mais maravilhosa e a mais bela de todas as noites.